

## BIO-BIBLIOGRAFIA

### LYGIA BOJUNGA

Escritora brasileira, escreveu inicialmente os seus livros sob o nome Lygia Bojunga Nunes. Nasceu em Pelotas no dia 26 de agosto de 1932 e cresceu numa fazenda. Aos oito anos de idade foi para o Rio de Janeiro onde em 1951 se tornou atriz numa companhia de teatro que viajava pelo interior do Brasil. A predominância do analfabetismo que presenciou nessas viagens levou-a a fundar uma escola para crianças pobres do interior, que dirigiu durante cinco anos. Trabalhou durante muito tempo para o rádio e a televisão, antes de debutar como escritora de livros infantis em 1972.

Num continente que se tornou conhecido por seu realismo mágico e contos fantásticos, a literatura infantil brasileira caracteriza-se por uma acentuada transgressão dos limites entre a fantasia e a realidade. Lygia Bojunga é uma escritora que perpetuou esta tradição e a tornou perfeita. Para ela, o quotidiano está repleto de magia: onde brotam os desejos tão pesados que literalmente não é possível erguê-los, onde alfinetes e guarda-chuvas conversam tão obviamente como os peões e as bolas, onde animais vivem vidas tão variadas e vulneráveis como as pessoas. Imperceptivelmente, o concreto da realidade transforma-se noutra coisa, não num outro mundo, mas num mundo dentro do mundo dos sentidos, onde a linha entre o possível é tão difusa como fácil de ultrapassar. A tristeza vive com Bojunga juntamente com o conforto, a calma alegria com a estonteante aventura e no centro da fantasia da escrita está a criança, muitas vezes sozinha e abandonada, sempre sensível, sempre cheia de fantasias. A morte não é tabu, a desilusão também não, mas além da próxima esquina, espera a cura. Numa prosa lírica e marcante, pinta as suas imagens e não importa se a solidão é muito amarga, há sempre um sorriso que expressa uma compaixão com os mais pequenos, que nunca se torna sentimental.

Os textos de Bojunga baseiam-se fortemente na perspectiva da criança. Ela observa o mundo através dos olhos brincalhões da criança. Aqui é tudo possível: os seus personagens podem fantasiar um cavalo no qual cavalgam a galope ou desenhar uma porta numa parede, que atravessam no momento seguinte. As fantasias servem geralmente para ultrapassar experiências pessoais difíceis: quando a personagem principal em *Corda Bamba*, 1979 usa uma corda para entrar em uma casa estranha com muitas portas fechadas, do outro lado da rua, é na prática uma forma de curar a tristeza depois de ter perdido os seus pais numa morte inesperada. Em *A Casa da Madrinha*, 1987 percebemos depressa que as experiências fantásticas de Alexandre durante a sua busca pela casa longínqua de sua madrinha são na realidade a concretização das fantasias de felicidade e amparo de um menino da rua abandonado. É uma história que se aproxima do conto de Astrid Lindgren *Sunnanäng*. A fantasia psicológica de Bojunga emerge novamente nos contos com animais: quando o tatuzinho Vítor em *O Sofá Estampado*, 1980 se sente nervoso, começa a tossir e arranhar o sofá – até entrar um momento mais tarde nos seus tempos de infância.

O realismo mágico e perspicácia psicológica reúnem-se a uma paixão pelo social e pela democracia. Bojunga, que começou a escrever quando ainda dominava a ditadura no Brasil, dirigia atividades subversivas. Isto torna-se mais fácil em literatura infantil porque – nas palavras de Bojunga – os generais não lêem livros destinados às crianças. Nestes livros, encontram-se galos de briga com o cérebro costurado com arame e pavões com filtros de pensamento que se removem com um saca-rolhas. Os ventos da liberdade são fortes nos livros de Bojunga, onde a crítica contra a falta de igualdade entre os sexos é um tema recorrente. Mas Bojunga nunca dá sermões, o sério é sempre equilibrado pela brincadeira e o humor

absurdo. Os sonhos inflados de Raquel em *A Bolsa Amarela*, 1976, são literalmente perfurados por um alfinete, e transformados em pipas de papel que voam para bem distante à mercê dos ventos.

Bojunga (que costuma apresentar-se em público com monólogos dramáticos) tem o dom da narrativa oral que prende o leitor logo na primeira página. Também escreveu peças teatrais e gosta de usar descrições cênicas. Num dos seus livros, *Angélica*, 1975, incluiu uma peça de teatro completa. Não é sempre a história em si que é o mais importante nos seus livros, por vezes une-se um acontecimento ao outro em longas cadeias (como nas narrativas orais), onde o personagem principal poderá por vezes desaparecer do centro de atenção. A tônica está na própria narrativa, com os seus tons humorísticos e poéticos, e na sensação estranha de liberdade que brota quando tudo é possível. A forma refinada como Bojunga deixa cores expressarem emoções contribui fortemente para a extraordinária beleza dos seus livros. Esta expressão é talvez mais marcante em *O Meu Amigo Pintor*, 1978 (também transformado em peça teatral), que descreve como um personagem, um menino, tenta curar a sua tristeza pela morte de um pintor com a ajuda das cores. Um relógio é amarelo ao tocar as horas, para voltar a ser branco quando pára. Amarelo é a cor preferida de Bojunga, ligada à alegria da vida, tornou-se o tema predileto desde o seu primeiro livro *Os Colegas*, 1972.

Por vezes, Bojunga prefere ficar na realidade e mostrar então o seu olhar psicológico penetrante: *Seis Vezes Lucas*, 1995, descreve, como na obra anterior, *Tchau*, 1984, a infidelidade, conflitos matrimoniais e divórcio do ponto de vista impotente – mas esperançoso – da criança. Bojunga entra sem medo no domínio dos adultos, na sua escolha de justificativas encostando-se com todo o direito à sua enorme capacidade de concretizar e personificar as sombras interiores em histórias fáceis de entender.

Como Hans Christian Andersen, com quem se aparenta claramente, Bojunga equilibra-se com perícia na linha entre o humor e o sério. No seu mais recente livro, *Retratos de Carolina*, 2002, domina o sério. Esta escritora fascinada pelo experimento tenta aqui novos caminhos. Em uma narrativa que se aproxima das formas do meta-romance, permite que o leitor siga o personagem principal desde a infância até à vida adulta. Deste modo, Bojunga rompe as fronteiras da literatura infanto-juvenil e preenche assim as ambições que enuncia no texto final e no prefácio do livro: dar lugar a si própria e às personagens que criou dentro duma só casa, “uma casa que eu inventei”.

As obras de Bojunga estão traduzidas para várias línguas, entre as quais francês, alemão, espanhol, norueguês, sueco, hebraico, italiano, búlgaro, checo e islandês. Recebeu vários prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti (1973), o prestigiado Prêmio Hans Christian Andersen (1982) e o Prêmio da Literatura Rattenfänger (1986).

### **Obras em português**

*Os Colegas* – Rio de Janeiro: José Olympio, 1972

*Angélica* – Ilustrações de Vilma Pasqualini. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1975

*A Bolsa Amarela* – Ilustrações de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1976

*A Casa da Madrinha* – Ilustrações de Regina Yolanda. Rio de Janeiro: AGIR, 1978

*Corda Bamba* – Ilustrações de Regina Yolanda. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1979

*O Sofá Estampado* – Ilustrações e diagramação de Elvira Vigna. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1980

*Tchau* – São Paulo, SP: Livraria AGIR Editora, 1984

*O Meu Amigo Pintor* – Rio de Janeiro: José Olympio, 1987

*Nós Três* – 1987

*Livro, um encontro com Lygia Bojunga* – Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1988  
*Fazendo Ana Paz* – Rio de Janeiro, RJ: AGIR, 1991  
*Paisagem* – Rio de Janeiro, RJ: AGIR, 1992  
*Seis Vezes Lucas* – Ilustração da capa, Roger Mello. Ilustrações do miolo, Regina Yolanda. RJ: AGIR, 1995  
*O Abraço* – 1995  
*Feito à Mão* – Rio de Janeiro: AGIR, 1996  
*A Cama* – Rio de Janeiro: AGIR, 1999  
*O Rio e eu* – Ilustrações, Roberto Magalhães. São Paulo, SP, Brazil: Salamandra, 1999  
*Retratos de Carolina* – Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga Ltda., 2002

*O Pintor (teatro)* – 1989  
*Nós Três (teatro)* – 1989

### **Obras em alemão**

*Die Freunde* – Aus dem brasilianischen Portug. von Karin Schreiner. Mit Zeichn. von Sabine Barth. Ravensburg: Ravensburger Buchverlag. (Lizenz des Verl. Dressler, Hamburg), 1994 (*Os Colegas*, 1972)

*Angelika* – Aus dem brasilianischen Portug. von Karin Schreiner. Mit Zeichn. von Sabine Barth. Ravensburg: Ravensburger Buchverlag. (Lizenz des Verl. Dressler, Hamburg), 1994 (*Angélica*, 1975)

*Die gelbe Tasche* – Aus dem brasilianischen Portug. von Karin Schreiner. Mit Zeichn. von Reinhard Michl. Ravensburg: Maier. (Lizenz des Dressler-Verlag, Hamburg, 1992 (*A Bolsa Amarela*, 1976)

*Das Haus der Tante* – Aus dem brasilian. Portug. von Karin Schreiner. Mit Zeichn. von Reinhard Michl. Ravensburg: Maier. (Lizenz des Dressler-Verl., Hamburg), 1993 (*A Casa da Madrinha*, 1978)

*Maria auf dem Seil* – Aus dem brasilianisch Portug. von Karin Schreiner. Ravensburg: Maier. (Lizenzausg. des Dressler-Verl., Hamburg), 1992 (*Corda Bamba*, 1979)

*Das geblünte Sofa* – Dt. von Karin Schreiner. Hamburg: Dressler, 1984 (*O Sofá Estampado*, 1980)

*Tschau : 4 Erzählungen* – Dt. von Karin Schreiner. Hamburg: Dressler, 1986 (*Tchau*, 1984)

*Mein Freund, der Maler* – Aus dem brasilianischen Portug. von Karin Schreiner. Ravensburg: Maier. (Lizenz des Dressler-Verl., Hamburg), 1993 (*O Meu Amigo Pintor*, 1987)

*Wir drei* – Dt. von Karin Schreiner. Hamburg: Dressler, 1988 (*Nós Três*, 1987)

### **Obras em espanhol**

*Los amigos* – Ilustr. de Ródez. Trad. de Irene Vasco. Bogotá: Grupo Ed. Norma Infantil-Juvenil, 2001  
*La bolsa amarilla* – Ilustr. de Esperanza Vallejo. Trad. de Elkin Obregón. Barcelona: Grupo Ed. Norma, 1997  
*Cuerda floja* – Trad. de Elkin Obregón. Ilustr. de Alejandro Ortiz. Barcelona: Grupo Ed. Norma, 1998  
*Chao!* – Trad. de Irene Vasco. Ilustr. de Ivar Da Coll. Bogotá: Grupo Ed. Norma, 2001  
*Mi amigo el pintor* – Trad. de María del Mar Ravassa. Ilustr. de Mónica Meira. Bogotá: Ed. Norma, 1989  
*Seis veces Lucas* – Ilustr. de Alejandro Ortiz. Trad. de Elkin Obregón. Barcelona: Grupo Ed. Norma, 1999

### **Obras em francês**

*La maison de la marraine* – Paris: Messidor/La Farandole, 1982 (*A Casa da Madrinha*, 1978)  
*La sacoche jaune* – Flammarion-Pere Castor, 1983 (*A Bolsa Amarela*, 1976)  
*La fille du cirque* – Flammarion, 1999 (*Corda Bamba*, 1979)

### **Obras em inglês**

*The Companions* – Translated by Ellen Watson. Illustrated by Larry Wilkes. 1st ed.  
New York: Farrar Straus Giroux, 1989 (*Os Colegas*, 1972)

*My friend the painter* – Translated by Giovanni Pontiero. 1st ed. San Diego : Harcourt Brace Jovanovich, 1991  
(*O Meu Amigo Pintor*, 1987)

### **Obras em sueco**

*Alexander och påfågeln* – Översättning: Kajsa Pehrsson. Stockholm: Gidlund, 1983 (*A Casa da Madrinha*, 1978)

*Den gula väskan* – Översättning: Karin Rosencrantz-Bergdahl. Stockholm: Rabén&Sjögren, 1984 (*A Bolsa Amarela*, 1976)

*Kompisarna* – Översättning: Bo Ivander. Illustrationer av Sabine Barth. Bromma: Opal, 1986 (*Os Colegas*, 1972)

*Maria på slak lina* – Översättning: Bo Ivander. Omslag och illustrationer: Reinhard Michl. Bromma: Opal, 1986  
(*Corda Bamba*, 1979)

*Min vän målaren* – Översättning: Bo Ivander. Bromma: Opal, 1987 (*O Meu Amigo Pintor*, 1987)

*Den blommiga soffan* – Översättning: Maj Herranz. Illustrationer av Sabine Barth. Bromma: Opal, 1989 (*O Sofá Estampado*, 1980)

Livros infantis e juvenis não traduzidos:

*Angélica* – Rio de Janeiro: AGIR, 1975

*Tchau* – Rio de Janeiro: AGIR, 1984

*Nós Três* – 1987

*Seis Vezes Lucas* – Rio de Janeiro, RJ : AGIR, 1995